

26º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO
O ENSINO DA ARTE EM TEMPOS DE CRISE
5º ENCONTRO REGIONAL SUL DA REDE ARTE NA ESCOLA

Narrativas sobre a mulher negra e sua permanência na Dança

Gabriela Souza da Rosa (Rita Léndé)- UERGS
Prof. Ma. Kátia Salib Deffaci-Orientadora -UERGS

Resumo:A presente Pesquisa com Trabalho Prático Comentado procura revisitar e expor, através de um trecho da peça *Id.Percursos* de minha autoria. Sobre questões que incidem sobre o corpo e a figura da mulher negra que utiliza do corpo como ferramenta de diálogo e produção de conhecimento através do gesto dançado. A pesquisa tem a intenção de promover problematizações acerca da corporalidade da mulher negra contemporânea, através de signos, gestos dançados, sons ressoados pela voz em transversalidades sobre gênero, raça e classe. Espera se reler um corpo preto descolonizado para fins em resposta sobre a decolonização do corpo preto e feminino.

Palavras Chave: Mulher Negra; Narrativas Contemporâneas; Descolonização.

O corpo da mulher negra ainda que território de si mesma, é colonizado, invadido, invalidado, agredido, violado, invisibilizado, morto e apagado diariamente na rotina da sociedade brasileira através das estratégias da cultura dominante. A expectativa lógica impelida sobre corpo negro é a de uma história que caduca no racismo, em que o corpo da mulher negra é preterido de nossa sociedade. Tornando seu corpo um campo diretamente ligado ao estigma social da folclorização, do fetiche e da hipersexualização, é desenvolvido um desvalor sobre a cultura que lhe é própria. Dessa maneira, o corpo da mulher negra se transforma em uma não-possibilidade de desvelamento sobre si mesma. Em outras palavras para a mulher negra, é dada a impossibilidade de desconstruir a própria narrativa que lhe é imposta e conferida por uma estrutura social - permeada de padrões hegemônicos, cis-hétero-branco normativos. Esse processo todo, por fim, acaba criando barreiras estruturais e existenciais complexas, e nesse trabalho objetiva-se localizar o impeditivo específico sobre as práticas de corpo performativas da cena e sob a criação de narrativas para a crítica em dança feita por mulheres negras na contemporaneidade brasileira. Essa crítica aponta para o uso do corpo como criação, interlocução, educação, desconstrução, pesquisa e resgate de sua própria história. Destacando-se como uma possibilidade o diálogo com tudo que lhe atravessa culturalmente através de sua ancestralidade, alimentando a alma da

própria existência no presente. Como uma maneira de fortalecer e discorrer com aquilo que vem antes, com aquilo que faz com que sua trajetória seja permeada pela continuidade dentro de valores civilizatórios que lhe conferem, enquanto figura humana e negra de uma diáspora africana atravessa por um corpo atlântico, de um corpo em hiato.

> A minha negritude é parte da minha identidade como ser humano, e minha expressão e desenvolvimento na dança é o resultado da minha experiência total como homem. È simplesmente uma questão do que precede no ato criativo: se é a minha total experiência como ser vivente, ou se aquelas experiências as quais eu considero relevantes para minha negritude. (SANTOS, 2006, p.32)

A partir disso o objetivo é tornar o movimento da mulher negra uma chave para contar história, como uma chave para verter uma nova narrativa que brota de si mesma, enquanto semente de pele escura. Com isso vê-se a possibilidade de abertura e dialogo através do gesto. Com o gesto, o objetivo é catalisar através do corpo as problematizações acerca de si e o que lhe cerca, o que lhe representa e o que repele a história desse corpo. Surge então a questão que reflete de maneira instigante com o passar dos tempos, com o passar dos anos: o que faz uma mulher negra, tornar-se livre para ocupar a si mesma, na cena da dança, frente as imposições que impedem que sua vida seja dada a uma não facilidade constante, localizando a liberdade como algo que finda na própria cinesfera[1]. No sentido de criar e ser arte, como colaboradora do seu próprio processo existencial, artístico, humano, social e cultural, busca-se desenvolver narrativas e estratégias no locus artístico negro, descolonizando os processos de criação em dança através desta performance.

[1] Cinesfera, conceito de Laban para tratar da esfera que delimita o limite natural do espaço pessoal, no entorno do corpo do ser movente. Esta esfera cerca o corpo esteja ele em movimento ou em imobilidade, e se mantém constante em relação ao corpo, sendo 'carregada' pelo corpo quando este se move.



Processo de Criação de Id.Percursos

Venho desenvolvendo desde de 2014 um solo intitulado Id.Percursos, onde atualmente pesquiso questões relacionadas às artes do gesto, às artes visuais, em formas dançadas e performadas pelo protagonismo de mulheres negras como: Inaicyra Santos, Luciane Ramos, Michelle Matiuzzi, Rosana Paulino e Renata Felinto, o que abarca desde a dança coreografada em grupos de Dança Afro até as mulheres negras que performam e visualizam artisticamente para problematizar sua existência de maneira reflexiva. O solo que desenvolvo, versa sobre a construção da identidade da mulher negra pautada sobre o racismo, sexismo e o machismo brasileiro. O diálogo/questão da montagem está permeado a partir da minha visão e questionamento que se atenta para o lugar das mulheres negras na dança. Onde estamos localizadas, qual lugar nos é dado, como somos vistas, como nos enxergamos? A mulher negra que utiliza o gesto através da arte do próprio corpo para dialogar possibilidades de narrativas de si e do mundo é passível de ser algo que não seja somente o que a cultura hegemônica e eurocêntrica diz? Como *descolonizar* o corpo da mulher negra na dança para torna-lo um gatilho *decolonizado*? A partir dessas questões, o descobrir-se enquanto negra eclodiu dançando, produzindo, atuando, dialogando e articulando em cena. Percebo com isso, a importância em subverter a ordem imposta sobre o corpo da "mulher negra que dança", e escolho então protagonizar um solo que aborde sobre o percurso da mulher negra na sociedade a partir de uma vasta visão sobre questões a serem repensadas e descolonizadas através do gesto, criando então com isso possibilidades de diálogo e reflexão sobre a montagem Id.Percursos. A peça fala sobre a importância em dialogar de frente com o corpo de uma mulher negra que partilha a própria voz como uma pluma afiada na garganta ocular daquele que a vê com o olhar inflamado e a sente através da própria extensão. O figurino que foi idealizado por mim é um conjunto que habita o corpo e acolhe o gesto, sem marcar o corpo muito revelando o movimento, dos pés, da cabeça, braços e tronco. A movimentação é baseada em técnicas de dança contemporânea de matriz africana,

dialogados com gestos do cotidiano e dos cultos de matriz africana de maneira improvisada.

> O corpo é um espaço socialmente informado, que assume repertórios de movimentos e se define como um lugar de produção de conhecimentos. A dança é uma realização social, uma ação pensada, refletida, elaborada tática e estrategicamente, abrangendo uma intenção de caráter artístico, religioso, lúdico, entre outros. (LODY, SABINO, 2011, p.16)

A trilha sonora foi pensada e criada pelo meu olhar enquanto diretora-bailarina/pesquisadora, pensando caminhos sobre uma encruzilhada social sobre o corpo da mulher negra que dança, entre sambas de gafieira, batuques e sons da natureza. O texto foi desenvolvido baseado na minha narrativa enquanto pesquisadora da Dança e expressão negra feita por mulheres negras. No decorrer da peça trago cantos, frases, poesias e ressonâncias vocais, para criar performatividade, permeadas por falas pontuais paro mesmo propósito para dialogar com o público.

> As genealogias da performance apóiam se na concepção dos movimentos expressivos como reservas mnemônicas, incluindo movimentos padronizados, rememorados pelo corpo, movimentos residuais retidos implicitamente em imagens ou palavras (ou no silêncio entre elas), movimentos imaginários fabulados pela mente, não anteriores à linguagem, mas constitutivos da linguagem, um ensaio psíquico para ações físicas retiradas do repertório que a cultura provê. (ROACH, p.66)

Uma viajem que leva o espectador a mergulhar junto do corpo da mulher negra que está em cena. Em todas as vezes que apresentei a montagem Id.Percursos, vi-me diante de momentos e situações completamente diferentes umas das outras. Pois a Peça/Performance (que é a maneira como venho enxergando e expondo o meu trabalho), dialogam com o que o espaço/tempo e o tipo de evento em que sou convidada a compor, e que por conta desses eventos a narrativa seja transversalizada, mesmo com as cenas sendo previamente ensaiadas e marcadas através de um pensamento linear coreográfico. Vejo-me plena em cada

momento que tenho a oportunidade em aterrar a peça na minha alma enquanto artista, principalmente quando compreendo que fazer história é estar em movimento, fazer história é estar dançando, atuando, fazer história recriada é gerar possibilidades para si e para aquele que contempla assistindo as próprias camadas de existência enquanto expectador.

Referências

MARTINS, Leda Maria. *Performances da oralitura: corpo, lugar da memória*. Programa de Pós Graduação em Letras – PPGL/UFSM. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Língua e Literatura: Limites e Fronteiras, letras n°26, 2003.

ROACH, Joseph, PARKER, Andrew, SEDGWICK, Eve. *Culture and performance in the circum – Atlantic world; Performativity and performance*. New York and London, Routledge, 1995.

SABINO, Jorge e RAUL, Lody. *Danças de Matriz Africana: antropologia do movimento*. Rio de Janeiro, Pallas, 2011.

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. *Corpo e Ancestralidade: uma proposta de dança-arte –educação*. 2° Edição. São Paulo: Terceira Margem, 2006.